

O HOMEM DE GÊNIO E A SOCIEDADE

De EVARISTO DE MORAES FILHO

II

SE para os dois fundadores da sociologia, respectivamente, nos mundos de fala francesa e inglesa, Comte e Spencer, o grande homem se caracterizou desde logo como um produto do seu tempo e do seu ambiente social, o mesmo não se deu com Gabriel Tarde, sociólogo francês, falecido em 1904. No seu livro principal, "Les Lois de l'Imitation", aparecido em 1890, sustenta êle que duas são as forças principais que explicam toda a organização social: a imitação e a invenção.

Em feliz resumo da doutrina do antigo professor de filosofia moderna no Collège de France, acentua Georges Guy-Grand que Tarde distinguia entre diferentes tipos de seres humanos, encarados por êle como espécies de mônadas que exercessem influência umas sobre as outras através de um processo comparável ao movimento de ondas. Algumas pessoas, não necessariamente as maiores, é bem verdade, são os inventores, enquanto outras se limitam ao simples papel de repetição. A humanidade acumula, passivamente, as grandes obras pelo processo de imitação, que faz com que se explique a solidariedade social e o que mais tarde viria Giddings chamar de **consciência da espécie**. Mas é pela invenção, pela renovação, pela criação inesperada de um resultado novo que o mundo caminha. Os tipos excepcionais são as alavancas do mundo.

Mas — e não fôsse Tarde um sociólogo... — não deixa o pensador francês de emprestar também um grande papel à imitação, já que é através dela que se perpetua e se difunde a invenção. E isto não vem registrado no resumo de Guy-Grand. Lá está, no livro citado, págs. 2-3: "Pela aparição, de certo modo acidental, quanto ao lugar e ao momento, de algumas grandes idéias, ou antes de um número considerável de idéias pequenas ou grandes, fáceis ou difíceis, na maioria das vezes inapercebidas no início, raramente gloriosas, em geral anônimas, mas de idéias novas sempre, e que em razão desta novidade eu me permitirei batizá-las coletivamente **invenções** ou **descobertas**. Por êstes dois termos entendo uma inovação qualquer ou um aperfeiçoamento, por mais fraco que seja, incorporado a uma inovação anterior, em qualquer ordem de fenômenos sociais: linguagem, religião, política, direito, indústria, arte. No momento em que esta novidade, pequena ou grande, é concebida ou resolvida por um homem, nada mudou aparentemente no estado social, do mesmo modo que nada se alterou no aspecto físico de um organismo em que penetrou um micróbio, funesto ou benéfico. As mudanças graduais que acarreta a introdução dêste elemento novo no corpo social parecem seguir-se, sem descontinuidade visível, às mudanças anteriores na corrente das quais se inserem. Daí uma ilusão enganadora, que leva os historiadores filósofos a afirmar a continuidade real e fundamental das metamorfoses históricas. Suas verdadeiras causas contudo se resolvem em uma cadeia de idéias muito numerosas, é ver-

dade, mas distintas e descontínuas, se bem que reunidas entre elas por atos de imitação, muito mais numerosos ainda, que os admitem como modelos. Deve-se partir dêste ponto, isto é, das iniciativas renovadoras, que, levando ao mundo novas necessidades ao mesmo tempo que novas satisfações, propagam-se em seguida ou tendem a se propagar por imitação espontânea ou forçada, eletiva ou inconsciente, mais ou menos rapidamente, mas de um modo regular, à maneira de uma onda luminosa ou de uma família de termitas. A regularidade não é aparente nos fatos sociais, mas pode ser nêles descoberta se os descompomos em todos os seus elementos, até ao mais simples, separando invenções distintas combinadas, os lampêjos de gênio acumulados e transformados em luzes banais: análise, sem dúvida, muito difícil. Socialmente falando, tudo se resume a invenções e imitações, e estas são os rios e aquelas montanhas. Nada menos sutil do que esta imagem; mas, seguindo-a corajosamente, sem reserva, desdobrando-a desde o menor detalhe até ao mais completo conjunto dos fatos, notar-se-á talvez quanto ela é própria para dar relevo ao pitoresco e à simplicidade da história, revelando perspectivas tão bizarras como uma paisagem de rochedos ou tão regulares como uma álea de parque".

Pelo visto, apesar de admitir uma certa prioridade lógica e psicológica às invenções, não desconhece Tarde o grande papel da regularidade social que cabe ao elemento social propriamente dito, isto é, à massa, ao grande número, ao anonimato. E, em verdade, o que se dá é uma espécie de salto, de rompimento qualitativo, dialético, na acumulação quantitativa dos fatos imitativos. Contudo, interpretada por pensadores posteriores, colocou-se a doutrina de Tarde como partidária de um certo individualismo social (Bouglé), de um nominalismo individualista. E foi diretamente em oposição a Tarde que A. Vierkandt, sociólogo alemão, endereçou a sua crítica. Em "Die Stetigkeit in Kulturwandel" (A Constância na mobilidade social), Leipzig, 1908, chega Vierkandt a exagerar o abandono do social por Tarde. Atribui-lhe uma opinião segundo a qual o novo na história é patrimônio do gênio, que prescinde em suas criações das fontes sociais. Ao contrário disso, acredita o professor da Universidade de Berlim que as inovações civilizadoras dependem intimamente do que a precedeu. O valor do gênio, diz, é extraordinariamente escasso para o progresso, destacando a força da tradição e dos instintos materiais das massas: os impulsos motores são principal e exclusivamente de natureza vulgar. "O grandioso nos casos humanos consiste sempre na aglomeração de pequenas coisas".

E' êste, de fato, o ensinamento da melhor sociologia (desculpem-nos a adjetivação). Sociedade e indivíduo, massa e grande homem, gênio e vulgaridade formam um todo indivisível

e inextricável. De nada adianta a invenção se não encontra eco no meio social ambiente, se não vai ser garantida pela continuidade da própria história, através de pequenas repetições, de imitações, que formam, afinal de contas, a própria regularidade da vida humana social. Nada há de mais social do que a razão humana. Depois da filosofia da Ilustração do século XVIII, ninguém pode mais ter dúvidas a respeito. A invenção ou a descoberta da verdade é progressiva, surge como resultado da colaboração dos indivíduos, contribuindo cada um de acordo com sua inclinação e suas forças para as experiências sociais e comunicando também ao público tudo o que aprenderam, a fim de que os últimos possam começar onde os precedentes terminaram.

125

Só um gênio, escreveu Shakespeare, é capaz de plagiar todo um povo. E isto por quê? Porque é necessária uma força fora do comum, um poder de síntese excepcional para poder penetrar todos os segredos e bem compreender as significações primordiais da alma de um povo. Não há divórcio entre os dois. E isto é facilmente surpreendido nos estudos de antropologia social, nos quais as diversas culturas primitivas são encaradas como um todo, como uma configuração total simbólica, que abranje todos os seus componentes: grandes e pequenos homens. Assim, sem os preconceitos das civilizações monumentais, compreende-se o verdadeiro papel do gênio, condensador de energia, e não um criador ex nihilo, de formação espontânea, fora do tempo e do es-

paço. Nem sempre o condottiere conduz, às vezes é conduzido e empurrado pela massa, à maneira daquelas carrocinhas de leite que suspendem o leiteiro em seus varais e o vão carregando para diante, obrigando-o a dar passos cada vez mais largos ou mesmo a perder o contato com o próprio chão...